

Relações Luso - Nipónicas nos sécs. XVI e XVII. (2ª Parte)

Carlos Jaca

Publicado no "DIÁRIO DO MINHO" 10de Agosto de 2005

Dos primeiros contactos entre portugueses e japoneses existe notável documentação histórica, publicada e manuscrita, proporcionando-nos não só uma visão do Japão quinhentista, mas também uma ideia razoavelmente exacta do que foram as relações luso - japonesas nos séculos XVI e XVII.

Encontro entre Portugueses e Japoneses. O primeiro relato directo de um ocidental sobre a terra e a gente japonesa: A "Informação" de Jorge Álvares.

Já se disse que é da pena de Jorge Álvares, um homem que tinha visto o país, o primeiro relato que forneceu ao Ocidente uma informação sucinta sobre terras nipónicas. Seguir-se-iam os relatórios dos missionários, em forma de cartas, que os padres da Companhia de Jesus escreviam do Japão e da China aos da mesma Companhia da Índia e da Europa, a partir de 1549, e que não tardariam a ser traduzidas em todas as línguas europeias. Porém, os escritores de maior projecção desta primeira fase são indubitavelmente, os padres Luís Fróis e João Rodrigues.



A Luís Fróis, erudito jesuíta, se deve a primeira história do Japão escrita por um europeu, sendo justamente considerado e respeitado por todos os estudiosos nipónicos e ocidentais como o maior historiador do Japão do período cristão.

João Rodrigues, outro historiador da mesma época, autor de uma "História da Igreja do Japão" que «é muito menos uma história da Igreja do

que um profundo estudo sociológico do Japão, minucioso e consumado na descrição da psicologia japonesa, dos costumes e das tradições nipónicas».

Na opinião de Martins Janeira, antigo embaixador no Japão, João Rodrigues foi o primeiro historiador português a salientar que a história de um povo não pode ser compreendida, se não houver uma completa exposição da geografia, clima, psicologia, dos seus costumes e da sua cultura.

É admirável que, a uma distância de quatro séculos e meio, os autores desta primeira fase de estudos japoneses sejam, ainda hoje, traduzidos, estudados e comentados em várias línguas.

No arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros conserva-se um Códice monumental, o “Códice Conimbricense,” adquirido em Londres pelo Governo Português, no ano de 1891.

O “Códice Conimbricense” é constituído pelo volumoso e famoso «Livro primeiro em que se treladam as cartas que mandão os Irmãos da Comp^a de Jesu que andão na Índia das cousas que Nosso Señor por elles obra e começa do año do nascimento de N. Sñor Jesu Christo de 1544 em diante». Neste Códice, fls.73 v., lê-se em língua castelhana, uma informação atribuída ao português Jorge Álvares.



Igualmente, em Lisboa, na Biblioteca da Ajuda existe um Códice onde, antes do texto, pode ler-se a seguinte nota: «Esta es la ynformation de Japon, que vino en la carta arriba scripta, la qual dio un hombre llamado Jorge Alvarez».

Escrito a tinta e com letra diferente, pode ler-se ainda o seguinte esclarecimento: «Lançada de português em castelhano, anno de 1548, era capitão de navio». Significa que se trata de uma cópia coeva.

A carta «arriba scripta», era de S. Francisco Xavier, datada de Cochim a 20 de Janeiro de 1548 e dirigida aos padres da Companhia, residentes em Roma.

Já referi, anteriormente, que na sua 2ª viagem ao Japão, Fernão Mendes Pinto viajava a bordo de uma caravela de que era capitão Jorge Álvares. Os elementos necessários à “Informação” recolheu-os, certamente, durante a sua estadia nos portos em que a nau teria ancorado, conforme o relata Mendes Pinto nos capítulos CC - CCIII da “Peregrinação:” ilha de Tanixuma (Tsu - Shuma), reino de Bungo, cidade de Fucheu (Kiu - Xiu), porto de Jamangoo (Jamakawa), na baía de Canguexuma (Kagoshima). Jorge Álvares, portanto, circum-navegou a ilha de Kiu-Xiu levando, aproximadamente quatro ou cinco meses, com maior demora na baía de Kagoshima.

O Japão dos seus conhecimentos, situava-se, pois, nesta ilha, uma das três principais do arquipélago. Na viagem de regresso a Malaca, Angiro ter-lhe-á fornecido também dados interessantes sobre a sua terra e seus conterrâneos.

Fontes documentais garantem que Angiro, ao que parece, já relacionado com portugueses, havia assassinado um homem e, sendo perseguido pela lei, andava fugindo quando Jorge Álvares o recebeu num porto do Japão. Que teve bom acolhimento testemunha-o o próprio Angiro: «El qual Jorge Alvarez me truxe consigo y me hizo mucho gasalhado trayendo-me en su voluntad, para me entregar al Padre mio Maestro Francisco, de quien es grande su amigo». Iniciado na doutrina cristã e aprendendo um pouco de português na viagem de regresso, Angiro iria ser um valioso colaborador do Padre Mestre, porquanto era desejo deste levar a luz da fé àquelas partes da China e do Japão.

Encontrando-se então em Malaca, S. Francisco Xavier teve notícias através de mercadores portugueses, «hombres de mucho credito», da



S. Francisco Xavier

descoberta recente de umas ilhas a que chamavam Japão, «donde segundo

parecer dellos, se faria mucho fruto en acrescentar nuestra Sancta Fee, más que nengunas otras partes de la Índia, por ser ella una gente desseosa de saber en grande manera, lo que tienen estos gentilles de la Índia».

Antes de partir, Francisco Xavier contactou Jorge Álvares no sentido de lhe fornecer uma informação sobre o Japão, ao que este acedeu, e que teria sido escrita nos finais de 1547: «A un mercador portugués, amigo mio, que estuvo en Japón muchos dias en la tierra de Angiro, le rogué que me diese por escrito alguna información de aquella tierra y de la gente della, de lo que avia visto y oído a personas que le parecia que hablavam verdad. El me dió esta información tan menuda por escrito, la qual os envio con esta carta mia. Todos los mercadores portugueses que vienen de Japón me dizen que, si yo lá fuesse, faria mucho servicio a Dios Nuestro Señor, más que com los gentiles de la Índia, por ser gente de mucha razón. Paréceme, por lo que voy sentiendo en mi anima, que yo, o alguno de la Compañia, antes de dos años iremos a Japón, aunque se a viage de muchos peligros, asi de tormentas grandes y de ladrones chinos que andão por aquel mar a furtar, donde se pierden muchos navios».

Comentando em nota histórica a carta de S. Francisco Xavier, Georg Schurhammer informa que o original português de Jorge Álvares foi enviado



Inácio de Loiola

pelo Padre Simão Rodrigues para Roma, a pedido do Padre Inácio de Loiola, sendo provável que se encontre nos Arquivos da Companhia.

O alemão H. Haas publicou uma versão no seu idioma, segundo o texto espanhol, que é o mais antigo texto conhecido. Em português existe um texto



S. Francisco Xavier

incluído no “Livro que trata das cousas da Índia e do Japão,” Cap. XVIII, publicado no Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Vol. XXIV e em separata de 1957 com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Qualquer das versões, portuguesa e espanhola, não apresenta discordâncias de vulto, por isso preferi utilizar uma transcrição actualizada da versão portuguesa.

Obviamente, que a “Informação” não podia deixar de revelar algumas imperfeições. De qualquer modo, ainda hoje é lida com interesse e curiosidade, levando o historiador japonês Minoru Izawa a considerar que o relato de Jorge Álvares é a «primeira geografia natural, social, cultural e política do Japão».

Características gerais.

Vejam agora alguns dos passos mais significativos da “Informação” prestada por Jorge Álvares.

Logo no início do seu relato, e após uma breve introdução à situação geográfica e referência aos portos de que teve notícia, Álvares revela-nos interessantes aspectos relacionados com a produção agrícola, fauna e flora:

«É terra bem assombrada e graciosa, e de muitos pinhais e cedros e ameixieiras e cerejeiras e pessegueiros e loureiros e castanheiros e noqueiras e azinheiras, que dão muita bolota, e carvalhos e sobreiros e parreiras de uvas brancas, que sabem muito bem, as quais eles não comiam e, com verem que nós as comíamos, as comem. Há aí muitas frutas doutras maneiras que não há na nossa terra. Há as ervas que há aí em Portugal, somente alfaces, couves, endros e coentros (é) que lá não vi, nem hortelã; o mais, tudo há, roseiras, craveiros e outras muitas flores de mui singular cheiro, e laranjeiras doces e agras, e muitos cidrões (não vi limões), e muitas romeiras e pereiras...

.....

O serviço desta terra é com cavalos pequenos muito rijos, porque não há aí vacas senão muito poucas e alguns bois de trabalho. Em alguns lugares nem há aí porcos nem cabras nem carneiros nem galinhas senão muito poucas, e (de) mui ruim carne para comer, estas galinhas. E há na terra veados, coelhos e muitas codornizes, rolas, folosas, marrecas. Tudo isto caçam; e comem os veados e matam-nos às frechadas, e assim os coelhos. As aves caçam-nas com redes, e os reis (dáimios) com gaviões, que os há lá muito bons, e também açores e falcões, e disseram-me que também caçavam com águias reais; e não podem ter estas aves senão senhores grandes para seu deleitamento».

Após referir aspectos relacionados com a hidrografia, dá pormenores acerca das erupções vulcânicas, condições climatéricas e habitações:

«Esta terra de Japão treme algumas vezes, e é terra de muito enxofre. Há muitas ilhas de fogo; delas são povoadas e delas não; todas, pela maior parte, são ilhas pequenas. É terra esta de Japão muito ventosa e cheia de tormentas. Cada lua nova e cheia há aí mudamento de tempo. Principalmente no mês de Setembro, vem cada um vento tão riço que não aí cousa que o espere (tufões), porque dá com os navios em seco três ou quatro braças pela terra dentro; se estão em terra, às vezes os tornam ao mar. È tempo que, donde eu estava a trinta léguas, se perderam sessenta navios chins e uma nau portuguesa. Dura 24 horas; começa no sul e acaba no noroeste, correndo todos os rumos.

É vento que é conhecido por uma chuva miúda que vem antes que ele vente; com este sinal se asseguram os homens da terra.

As casas desta terra de Japão são baixas por causa dos ventos, e são bem feitas e de tabuado todas, e são cobertas com telhas de pau com muitos penedos em cima por causa do vento, e não são pregadas.

São estas casas de altura de um côvado (66 cm.) do chão. Têm repartimento de câmaras e antecâmaras, e câmara onde têm suas varelas (pagodes e mosteiros budistas), na qual não dorme ninguém; estes sobrados são todos acolchoados com colchões de palha mui limpa e mui bem feitos, nos quais ninguém entra calçado. Não têm estas casam nenhuma maneira de fechadura nem cadeados».

Depois de pormenorizar mais alguns aspectos relativos à habitação, Álvares descreve-nos alguns caracteres somáticos e psíquicos do povo japonês, para além de elementos respeitantes à etnografia:

«A gente deste Japão pela maior parte é de meãos corpos refeitos, e gente mui riça para trabalho. É gente branca de boas feições. Os honrados trazem a barba cortada à feição de mouros e os homens de baixa qualidade criam barba; todos geralmente pelam as calvas e coroa até perto do toutiço e orelhas, e os cabelos lhes ficam no toutiço; trazem-nos compridos e atados, e sempre trazem a cabeça descoberta; somente os velhos, quando faz frio, as

cobrem com uma borla de seda. Os seus vestidos são cabaias (peça de vestuário de grandes mangas e abertas de lado) curtas que lhe dão pelos joelhos, com mangas até ao cotovelo, e são feitas com mangas de buraca; trazem os braços descobertos desde o cotovelo até à mão, e sobre as cabaias vestem umas couras (antigo gibão militar) de linho ralo que parece cendal (tecido fino e transparente), o qual é branco ou preto ou pardo ou azul, e pintado nos ombros e dianteiras uma rosa ou uma pintura saudosa e boa e mui natural...

.....

É gente muito soberba e escandalosa. Todos em geral trazem terçados (espadas) grandes e pequenos; acostumam-se da idade de oito anos e os trazem. Têm muitas lanças e alabardas (espécie de lança) e outras bisarmas. São todos em geral mui grandes frecheiros de arcos grandes, como ingleses. Têm armas de corpo (cotas de malha), de malha de ferro, muito delgadas e pintadas. É gente pouco cobiçosa e muito maviosa. Se ides a sua terra, os mais honrados vos convidam que vades comer e dormir a sua casa, parece que vos querem meter na alma. São muito desejosos de saberem de nossas terras, e doutras cousas, se as ousassem perguntar. Não é gente ciosa. É seu costume estarem assentados em casa com as pernas cruzadas. É gente que quer que lhe façam outro tanto quando vão aos nossos navios, que lhes deis de comer e beber, e lhes mostreis tudo o que eles quiserem ver, e que lhes façais gasalhado. Estranham muito o furtar, de maneira que por valia de cinco ou seis tangas matam logo. De maneira que se têm novas que anda algum ladrão nos caminhos ou mato ajuntam-se os mais honrados para o irem matar; porque todos se metem com ele às cutiladas, e o que o mata leva a honra e é tido por bom cavalheiro.

É gente que come três vezes ao dia, e comem pouco de cada vez. Não comem carne senão muito pouco, e a que já se disse; não comem galinhas, e parece-me porque as criam, e cousa que criam não comem. Seu comer é arroz e grãos, mungo, milho, painço, inhames, trigo, e parece-me que o comem cozido em papas; não lhe (s) vi fazer pão. Bebem orraca (saqué - bebida japonesa feita de arroz fermentado), que fazem de arroz, e outra beberagem que todos geralmente bebem (chá), grandes e pequenos. Nunca lá vi nenhum

bêbado que não estivesse em seu siso; como se acham carregados, logo se deitam a dormir...

.....
Comem no chão como mouros e com paus como chins; cada pessoa come em sua gamela pintada e porcelanas, e bacios de pau, pintados, de fora pretos e de dentro vermelhos, onde têm os seus manjares. Bebem no Verão água de cevada quente, e no Inverno água de umas ervas a que não alcancei saber que ervas eram (chá), não bebem nenhuma água fria, nem no Inverno nem no Verão.

É gente que não tem mais de uma só mulher; os honrados e ricos têm algumas escravas para seu serviço. São casados pelos padres; têm grande pena se não são recebidos pelos padres da terra. Se as mulheres são preguiçosas ou más mulheres antes que de seus maridos tenham filhos, seus maridos as mandam para casa de seus pais; e se têm filhos, por qualquer tacha destas as podem matar sem nenhuma pena, e por esta causa são elas todas muito amigas da honra de seus maridos e muito mulheres de suas casas. Não há na terra nenhuma prisão; cada um pode fazer justiça em sua casa».

A mulher japonesa.

Demonstrando particular interesse pela mulher japonesa, descreve-a nos seguintes termos:

«As mulheres são muito bem proporcionadas e muito alvas, e tocam do arrebique e alvaiade, (cosméticos) são muito maviosas (afáveis) e meigas. E as honradas são muito castas e muito amigas da honra de seus maridos. E há aí outras muitas más mulheres e celestrinas; e também me parece que há aí feiticeiros e feiticeiras. São mulheres muito limpas; elas fazem em casa todo o trabalho, como tecer, fiar, coser.



As boas mulheres são muito veneradas de seus maridos; os maridos são mandados por elas. São mulheres que vão onde lhe vem a vontade, sem o

perguntarem a seus maridos. São mulheres que, quando lhe vem sua purgação, não põem a mão em cousa nenhuma nem se bolem dum lugar senão a fazer as suas necessidades; e se é escrava ou moça de serviço, todo o tempo que anda com aquilo está em casa sobre si até que se lhe vá.



E também me disseram que, se uma mulher se movia, que trinta dias não saía de uma casa e não falava ninguém com ela, somente lhe davam arroz e água e lenha por um buraco, e ela faz o comer, sem neste tempo ninguém lhe falar.

Seu traje são cabaias que lhe chegam até o peito do pé; atam-se pela cinta debaixo; trajam como estas mulheres de cá (mulheres malaias). Lavam-se, são de muito grande cabelo, e trazem-no atado como as malaias, e pelam a testa obra de três dedos. E trazem sapatos de palha. Estas mulheres são muito devotas, e vão também a suas casas de oração a rezar, e também rezam por contas.»

Religião.

Como não podia deixar de ser, Jorge Álvares teria de relatar aspectos referentes ao sistema religioso, tanto mais que escrevia para esclarecer o Padre Francisco Xavier.

Assim, a sua “Informação” termina com uma descrição acerca dos conventos, dos hábitos dos bonzos e da sua influência, fala dos ídolos e das



Todaiji – Templo Budista

cerimónias fúnebres e observa, ainda, que as práticas religiosas são originárias da China, porquanto já lá estivera e vira semelhante:

«Estes japões têm duas maneiras de casas de devoção, e estas casas têm padres que vivem dentro, e cada um tem sua cela onde dorme, e tem seus livros, e

chamam-lhes bonzos (sacerdotes budistas), e estes lêem à chara da China (ao modo da China), e têm muitas escrituras dos chins. E tangem a meia noite, as

matinas, véspera e completa (horas canônicas), e em anoitecendo têm sinos de feição de chegueis de cobre e de ferro que tangem, e tambores como chins, e tenho que esta maneira de ordem veio da China, porque na China vi o mesmo. Estes, quando tangem, se ajuntam todos os que estão nesta casa a rezar, e o mais velho começa e os outros respondem com seus livros na mão, e também rezam com contas como os leigos...

.....

As suas casas de oração são muito bem feitas, e os ídolos dourados, e a cabeça do ídolo como cafre e as orelhas furadas como pagode (aqui designa ídolo) de malabares, e têm-lhe diademas. E estas casas têm grandes cercas, e têm muitos cedros e outras muitas árvores de fruto, todas por ordem, e muitas roseiras e outras ervas cheirosas, tudo muito bem concertado e limpo.

Estas casas têm grande liberdade; valem a todo o delito senão a ladrão, isto certos dias, porque não podem estar muito nelas.

Têm também outros ídolos que se parecem com os nossos confesores, e alguns mártires como São Lourenço e Santo Estêvão, com suas diademas, porém todos são rapados...

.....

Estes bonzos andam todos rapados à navalha. E têm estufas; cada dia à tarde vão a elas e aqueçam a água e nelas se lavam, dando-lhe lenha por amor de Deus; e não as há nos mosteiros, senão fora em outro cabo do lugar. E trazem cabaias mais compridas que os leigos; são brancas e não hão-de ser pintadas, e em cima outras cabaias de linho, pretas, compridas, que lhe dão pelo peito do pé, que cobre a branca, e trazem estolas pelo pescoço, com uma argola de pau pequena cosida na estola, e muitos a trazem de marfim; e trazem sapatos como mulheres, e não trazem mulheres...

.....

Vi lá outra maneira de ordem de padres que adoram outros ídolos, que (não) é a mesma ordem da terra (sacerdotes xintoístas). Têm seus ídolos pequenos metidos em tabernáculos, que nunca os vêem senão em alguma festa; estes ídolos têm-nos em bosques fora do lugar, e são muito venerados. E estes andam vestidos como os leigos, trazem armas como eles, e na cabeça trazem um barrete quadrado tão ancho como um punho, com barbicacho

debaixo da barba, e estes têm cuidado do búzio quando querem ajuntar a gente. São grandes feiticeiros, e trazem sempre contas no pescoço, por onde os conhecem. E estes têm mulher que os ajudam a rezar; não sei se têm com elas mais que conversação. Estes não têm escritura nenhuma senão a da terra. Estes não conversam com os outros. Estes têm sinos como os nossos, de cobre e de fero, com badalo; tangem as horas como os outros...

.....

Em toda esta terra, desde o Meaco até tudo o que temos descoberto, não há senão uma fala».

Início da Acção Missionária. S. Francisco Xavier.

Foi S. Francisco Xavier que começou a cristianização do Japão. S. Francisco fora companheiro de Inácio de Loiola na Universidade de Paris, tendo sido na capela de Montmartre, que ambos, com mais seis companheiros, assentaram na ideia da qual pouco depois, em 27 de Setembro de 1540, por força da bula "Regimis Militae Ecclesiae", nasceu a Companhia de Jesus. A acção desta Companhia no Japão, durante o século em que os portugueses ali estiveram, foi preponderante e por vezes muito notável no domínio da cultura.

Com o desembarque de S. Francisco Xavier em terras do Império do Sol



Nascente, no dia 15 de Agosto de 1549, abria-se a página mais brilhante de toda a evangelização no Oriente.

Acompanhado de outros jesuítas e três neófitos japoneses, entre os quais Angiro, desembarcaram precisamente na terra da naturalidade deste, no porto de Imagawa, em Kagoshima. Aqui se iniciava a história do cristianismo no Império Japonês, em que a Companhia de Jesus no seu papel de "ponta de lança" da Igreja militante iria travar uma luta pelas almas «tão

intensiva e alargada como a competição pelas especiarias», ao mesmo tempo que lançava a primeira onda de ocidentalização.

Em carta datada de 15 de Novembro, e dirigida aos seus companheiros de Goa, Francisco Xavier descreve o amigável acolhimento que tivera da parte do “dáimio”, Shimazu Takahisa, senhor feudal do reino de Satsuma, de que Kagoshima era a capital. Concede-lhe autorização para pregar e «fazer cristãos» mas, em breve, os bonzos se constituíram em inimigos do cristianismo, hostilizando, protestando e tramando intrigas.

Porém, a primeira intenção de Francisco Xavier era dirigir-se a Meaco (Kioto) onde residia o Vo (Imperador), supremo e natural senhor de todos os 66 reinos. Embora este já não fosse obedecido como o tinham sido os seus antepassados, Xavier estava convencido que a cristianização do Japão não seria possível sem a conversão da capital.

Durante o largo tempo que permaneceu em Kagoshima, onde lançaram os primeiros fundamentos do catolicismo, depararam-se-lhes as dificuldades inerentes à compreensão da língua, «da qual não sabiam ainda mais que o que particularmente o Irmão João Fernandes vinha da Índia pelo caminho aprendendo com aqueles japões. A maior parte do dia se ocupavam na comunicação dos próximos, e de noite prolongavam suas vigílias em oração, e nos rudimentos da língua com grande instância. O Pe. Mestre Francisco, que já sabia alguma couzinha della, por huma parte, e o Irmão João Fernandes, por outra, gastavam o dia todo em responder às perguntas que os gentios lhes faziam, e satisfazer as suas dúvidas».

Estavam os missionários há dez anos no reino de Satsuma quando chegou a notícia de ter aportado a Hirado, no noroeste de Kiushu, uma embarcação de portugueses que vinham da China.

Autorizado pelo rei, S. Francisco Xavier partia acompanhado do Padre Cosme de Torres, do Irmão João Fernandes servindo de intérprete, alguns conversos e deixando os cristãos de Kagoshima aos cuidados de Angiro, agora baptizado com o nome de Paulo de Santa Fé.

Em Hirado foram bem recebidos pelo senhor da terra e pela população, certamente por via do navio de portugueses que dois meses antes chegara

àquele porto. Fizeram convertidos e baptizaram, mas demoraram pouco tempo em Hirado porquanto a sua meta era em Kioto, a capital.

Depois de penosas jornadas chegaram a Yamaguchi, que os surpreendeu por ser muito populosa e onde foram bem recebidos. O dáimio, Ouchi Yoshitaka, recebeu-os perguntando-lhes de onde vinham, motivo que os trouxera ao Japão e qual a religião que pregavam, tendo Francisco Xavier ordenado ao Irmão João Fernandes que «lhe lesse pelo cartapácio a criação do mundo e os mandamentos» traduzidos para japonês.

Poucos dias antes do Natal de 1550 partiram para Kioto, onde esperavam autorização imperial para pregar o cristianismo em todo o Japão.

Chegados a Kioto, «que hé a metropoli de todo o Japão», verificou S. Francisco Xavier não estar a cidade disponível para concretizar os seus intentos, visto estar muito queimada e destruída pelas guerras.

Também souberam que o Imperador, «recolhido em huns paços velhos sem fausto nem estado», não era obedecido e por isso desistiram de pedir licença para pregar a lei de Deus. Efectivamente, eram os shóguns, ditadores militares, que exerciam todo o poder em lugar do Imperador, não passando este de uma figura decorativa.

Falhado o processo de converter a capital, já que a terra «não estava disposta para a semente divina», e entendendo o Padre que o maior senhor, que então se dizia viver no Japão, era o rei de Yamaguchi, determinou regressar a esta cidade, onde iria alcançar os seus primeiros grandes sucessos no arquipélago nipónico.

Assim, depois de terem feito o ponto da situação, ao fim de onze dias abandonaram Kioto onde só alguns anos depois da partida de Xavier voltariam.

Chegado a Yamaguchi, onde el-rei residia com a sua corte, e não podendo ali permanecer sem o seu conhecimento e favor, o Padre pediu audiência a Ouchi Yoshitaka com o fundamento de lhe entregar duas cartas em pergaminho, uma de D. João de Albuquerque, primeiro bispo da Índia e outra do governador Garcia de Sá, para além de treze peças ricas que lhe havia de oferecer. E como o presente era constituído por «couzas nunca vistas naquellas partes, mostrou el-rey ficar delle muito satisfeito, e mandou logo pôr pelas ruas da cidade humas tabuas escritas, em que dizia como folgava

que, naquella cidade e em seos reinos, fosse manifestada a ley de Deos, e que livremente a podesse tomar quem quizesse, mandando a todos seos súbditos que não fizessem nenhum agravo aos Padres; e deo-lhes huma varela (mosteiro budista) em que se recolhessem elle com seos companheiros».

Aqui acorriam muitas pessoas, ouviam prédicas e faziam muitas perguntas; a casa estava sempre cheia, predominando padres, monges budistas e fidalgos. Durante seis meses catequizaram em Yamaguchi e terão baptizado cerca de 500 pessoas em dois meses.

Convidado pelo dáimio Ótomo Yoshishige, governante inteligente e de grande visão, que desde cedo compreendeu as vantagens que lhe oferecia o comércio com Portugal e a superioridade das espingardas e da artilharia, com as quais sem demora armou as suas forças, S. Francisco Xavier resolve partir para Bungo, entendendo ser já necessário deixar em Yamaguchi alguém para conservar os cristãos já feitos e prosseguir na obra de conversão. Assim, ordenou deixar ali o Pe. Cosme de Torres e o Irmão João Fernandes que consigo trouxera da Índia.

Em Bungo, Xavier foi recebido com todas as honras por el-rei, então em Funai (Oita), o qual folgou muito de o ver. Finalmente, obteve autorização para cristianizar, porquanto «não se achou nunca em Japão, athé agora, rey algum gentio, que tanto de coração favorecesse a ley de Deos, e mostrasse tanto amor aos Padres e aos portugueses como elle».



S. Francisco Xavier pregando na corte de Yamaguchi

Francisco Xavier demorou-se no Japão pouco mais de dois anos. Quando em Novembro de 1551 embarca de volta para a Índia, ia convencido de que os maiores problemas estavam ultrapassados. O facto de muitos cristãos ocuparem lugares de destaque funcionava como garante na protecção dos padres e no zelo pela nova cristandade.

Efectivamente, regressava à Índia convicto de que a cristianização do Japão só seria possível, ou ao menos seria muito mais fácil, depois da cristianização da China. O Japão, que recebera da China a religião budista e todas as formas da sua civilização, fácil e rapidamente aceitaria o cristianismo se visse o exemplo da imensa China cristianizada. Por isso, na carta que escreveu no ano seguinte, em 29 de Janeiro, aos seus companheiros da Europa, exprime claramente a intenção de ir à China no ano de 1552, «porque é terra onde se pode muito acrescentar a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo e se a recebessem seria grande ajuda para o Japão a aceitarem também».

Mas as coisas não eram tão fáceis e não estavam tão maduras como pensava e desejava o Santo Apóstolo.

Tal como noutras épocas da sua história, os japoneses mostraram-se receptivos pelas coisas novas, vindas de fora e abertos ao relacionamento com os estrangeiros, mas passado o primeiro impacto acontecia que as suas velhas crenças e tradições eram mais fortemente preservadas, voltando a fechar-se.

Fundamentalmente para o desenvolvimento do cristianismo no Japão era o consentimento ou adesão dos senhores, porquanto as classes pobres encontravam-se na sua total dependência. Além disso, os missionários aperceberam-se, logo à partida, que só “japonizando-se” (até certo limite) seria possível conseguir os êxitos que pretendiam. De facto, não havia alternativa.

Assim, tiveram de fazer seus os hábitos japoneses e sobretudo penetrar nos segredos da língua, inicialmente um dos maiores obstáculos, esforçando-se os missionários por aprender e praticar as línguas indígenas, que depois de assimiladas se tornaram o veículo do seu apostolado.

Estudando a mentalidade japonesa ser-lhes-ia mais fácil expor a doutrina cristã, tornando-a mais compreensível e assimilável a um povo cuja cultura era muito divergente da ocidental, e que tinha como suporte outros princípios morais e religiosos.

Foi atendendo a esses aspectos fundamentais que o Visitador-Geral, Padre Valignano, decidiu que todos os missionários no Japão deviam seguir os costumes japoneses, excepto a maneira de vestir. Criou um seminário, um

colégio e um noviciado; abriu um curso de preparação / estágio para os padres japoneses e incitou os jovens missionários europeus a aprender a língua, os costumes e a cortesia japonesa.

Persistência da cristianização no Japão.

Como já referi, S. Francisco Xavier deixara apenas no Japão dois missionários, o Pe. Cosme de Torres e o Irmão João Fernandes, os quais permaneceram na cidade de Yamaguchi.

A fim de lhes dar apoio, reforçando a missão, S. Francisco Xavier indicou o Pe. Baltazar Gago e os Irmãos Duarte da Silva e Pedro de Alcáçova que de Malaca viajaram para o Japão na nau de Duarte da Gama. Após chegada a Hirado partiram directamente para Yamaguchi, onde se encontrava o Pe. Cosme de Torres.

Estes missionários persistiram na realização da ideia de Francisco Xavier que, como se sabe, consistia no domínio espiritual de Kioto. Era sua convicção, “ab initio”, que a religião de Cristo não tinha hipóteses de se enraizar no Japão se os missionários não conseguissem implantar o cristianismo na capital, a sua sociedade altamente civilizada, cuja cultura e brilho irradiavam por todo o Japão.

O desejo de S. Francisco construir uma igreja em Kioto continuava vivo, contudo parecia pouco possível ultrapassar duas importantes dificuldades: a desordem criada pelas guerras civis e a influência do budismo que se mantinha ainda bem forte.

Em 1559 o padre português Gaspar Vilela, depois de chegar à capital acompanhado dos seus discípulos, conseguiu ser recebido pelo shógun, Ashikaga Yoshiteru que o autorizou a pregar na capital.

Entretanto a eclosão da guerra civil obriga Gaspar Vilela a fugir, só regressando em 1561 e juntando-se-lhe em 1565 os padres Luís Fróis e Luís Almeida.

Obviamente que a influência cristã na capital japonesa teve altos e baixos, mas o número de cristãos parece nunca ter sido significativo: «dos naturais de Kioto poucos se deixaram converter», segundo informa Fróis na sua “História do Japão”, mas era fundamental para os missionários a presença

na capital e terem aí uma bela igreja que não ficasse mal ao lado dos esplêndidos templos budistas e xintoístas que, com os sumptuosos palácios, eram o orgulho de Kioto. E assim, para substituir a pobre e pequena igreja que tinha existido até 1575, os missionários lançaram-se na construção de uma igreja de estilo ocidental no exterior, e no interior em puro estilo japonês, a igreja de Nossa Senhora de Meaco (Kioto).

A cristianização e o poder político.

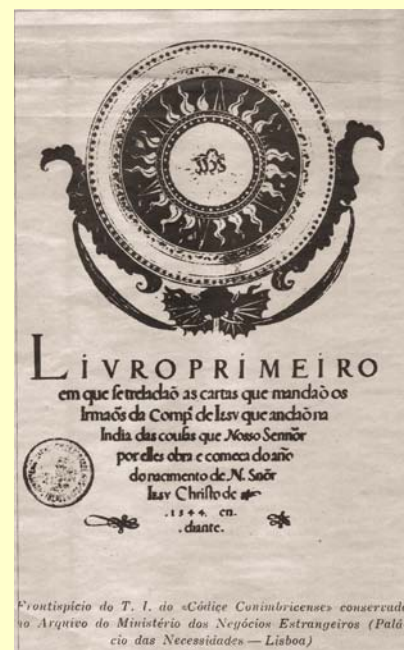
Embora os missionários continuassem a ser alvo de frequentes maquinações por parte dos monges budistas, a situação iria mudar graças à influência de Fróis junto de Oda Nobunaga, o novo senhor do Japão

Nobunaga era um homem arrogante, «a todos os reis e principais do Japão desprezava e lhes falava por cima do ombro como a servos inferiores... homem de bom entendimento e de claro juízo, desprezador de todo o culto e veneração dos kamis (espíritos que habitam e são venerados nos santuários), e de todos os agouros e superstições gentílicas».

Nobunaga. O jesuíta Luís Fróis era recebido cordialmente em Kioto. Nobunaga sentia prazer no convívio com os padres, apreciava a sua inteligência, os conhecimentos das ciências europeias do seu tempo, conhecedores por experiência de muitas terras e muitas coisas e, além disso, corteses, qualidade de alto apreço entre a gente japonesa.

Fróis pareceu compreender que o afável tratamento dado aos padres era por causa do ódio dos bonzos, «apesar de saber que pregam contra todas as seitas do Japão».

Nobunaga detestava os bonzos, o mesmo acontecendo com os jesuítas. Ora, esta comunhão de antipatias devia logicamente gerar uma mútua simpatia. É também muito provável que o desenvolvimento do cristianismo agradasse a Nobunaga, uma vez que esse facto implicaria, pelo menos



temporariamente, a decadência do budismo, objectivo esse que, de certo, lhe era muito caro.

Segundo diz o Pe. Luís Fróis, que lhe fez o elogio fúnebre, Nobunaga prometeu aos jesuítas que enquanto ele fosse vivo não receberiam nenhuma moléstia nem agravo.

De facto, o grande general estava sempre disposto a recebê-los, a escutá-los e a protegê-los, só que... Nobunaga protege os cristãos, a fim de suplantar os budistas; é uma simpatia reflexa, mas em todo o caso vantajosa. Não vê nas ambições dos senhores dos feudos a causa primordial da decadência do país; mas sim nos bonzos, no bando dos frades budistas, que pouco a pouco haviam conseguido intrometer-se nas questões do estado, dominar nos espíritos, preferindo a intriga à prece, a espada ao rosário, a couraça às vestes rituais, transformando os conventos em verdadeiras cidadelas regurgitando de gente armada. É, pois, sobre o budismo que Nobunaga vai descarregar um golpe tremendo.

Nas margens do lago Biwa, em Hiyszam, erguia-se arrogante o maior convento do Japão, compreendendo dentro das suas muralhas mais de quinhentos templos habitados por milhares de bonzos. Seria contra Hiyszam que o ousado reformador iria investir, reduzindo a cinzas tudo, edifícios e homens. Depois virou-se para o mosteiro fortificado de Osaka, cujos membros se orgulharam sempre de uma acintosa desobediência às vontades dos shóguns; sitia, ataca, chacina; e quando a corte acode para persuadir os bonzos a render-se, vem tarde o conselho, porque já tinham sido mortas vinte mil pessoas, entre bonzos, concubinas, criados, gente de armas.

Obviamente, que os missionários cristãos não deixaram de aproveitar os benefícios que indirectamente lhes advinham da situação de desgraça em que os bonzos tinham caído.

Entre 1570 e 1579 houve poucos progressos na missão de Kioto, porém, deram-se conversões em massa em Kiushu, por via das adesões de um número de senhores feudais. O primeiro dáimio a converter-se foi Omura Sumitada, baptizado com o nome de Bartolomeu, indubitavelmente movido pela esperança de ganhos materiais. Estas conversões, escrevem os próprios jesuítas, eram motivadas em grande parte pela esperança de participar no

lucrativo comércio de Macau. No feudo de Sumitada, a conversão dos vassalos foi total. O mesmo aconteceu quando da conversão do dáimio de Arima, Arima Harunobu, que recebeu o nome de baptismo de Protásio, cuja conversão foi também motivada pela ambição de comerciar com Macau e para conseguir a ajuda militar de seu tio, D. Bartolomeu. Em fins da década de 1580, quase metade da ilha de Kiushu estava nas mãos dos dáimios cristãos.

Por volta de 1582, ano em que morreu Nobunaga, e segundo cálculos do Visitador - Geral, Valignano, havia no Japão 150.000 cristãos e 200 igrejas, pequenas na maioria; 20 padres, 30 auxiliares seminaristas e catequistas de maioria japonesa, e ainda dois seminários, um em Kioto e outro em Arima.

A ideia de que o cristianismo era subversivo quanto à estrutura feudal e que os europeus poderiam tentar invadir ou conquistar o Japão foi pesando cada vez mais, à medida que os anos decorriam, no ânimo dos governantes. Passou a ser uma das principais acusações contra os cristãos o de serem, o que hoje se chamaria, uma “quinta - coluna.”

Toyotomi Hideyoshi. A Nobunaga sucedeu Hideyoshi, depois conhecido por Taico-Sama, e que viria a ser um dos vultos mais populares da história do Japão.

Subjuga todos os senhores feudais que se lhe opõem, castiga alguns bonzos que procuram inviabilizar o seu projecto político, não dá tréguas aos adversários procurando vencê-los ou, se possível, convencê-los a aderir à sua causa: a paz interna e o engrandecimento da pátria. Dentro de pouco tempo Hideyoshi governava, praticamente, todo o Império.

Quanto às relações com os missionários, a princípio continua a mostrar-lhes simpatia.

Em Setembro de 1583 o Pe. Gnechi Organtino, director da missão de Miako, foi recebido por Hideyoshi que lhe ofereceu terreno para a construção de uma igreja e o acolheu muito amavelmente bem como ao Irmão Lourenço. Durante a Semana Santa de 1586, Hideyoshi fez uma visita aos jesuítas na Igreja de Osaka e, falando sobre religião, afirma considerar que as «couzas de Deos» são mais verdadeiras que as próprias seitas dos bonzos; diz alegrar-se por verificar que os filhos dos grandes, que estão perto dele, se tornam

cristãos, acrescentando que só não se converte devido à proibição de ter muitas mulheres.

Porém, em Julho de 1587, depois de ter regressado da sua campanha de Kiushu, acontece um inesperado e surpreendente volte-face: o Taico Hideyoshi, que até então dera notável cobertura aos cristãos, proclama um édito condenando os missionários e a sua acção, ordenando-lhes que abalassem do Japão no prazo de vinte dias.

Parece que esta súbita mudança de ideias nunca foi satisfatoriamente explicada. Provavelmente, as razões serão várias e complexas não sendo de rejeitar que Hideyoshi teria agido mais por princípios políticos do que por ódio de doutrina.

O que se sabe é que, na noite de 24 de Julho de 1587, depois de amistoso convívio com o capitão-mor Domingos Monteiro, reúne os seus íntimos e dirige uma longa invectiva contra os jesuítas. E «como o tirano trazia já de longe, como constou das suas palavras, o peito abrasado em ódio contra a ley de Deos», acusava os jesuítas de converter os melhores senhores do reino para os submeter à sua influência e domínio.

No dia seguinte, 25 de Julho, o Taico-Sama manda publicar o seguinte édito:

1º- Porquanto Japão hé reyno de Kamis, e do reyno dos christãos vem cá dar huma ley dos demónios, em gradíssima maneira hé couza mal feita.

2º- Vindo estes aos reynos e estados de Japão, fazem a gente de sua seita, para o qual destroem os templos dos Kamis, e isto hé couza agora nem dantes nunca vista nem ouvida em Japão.

3º- Determino que os padres não estejam nas terras do Japão. Pelo que de hoje a vinte dias, consertando suas couzas, se tornem para seo reino; e se neste tempo alguém lhes fizer algum mal será por isso castigado.

4º- Daqui por diante não somente mercadores, mas quaesquer outras pessoas que vierem da Índia, e não fizerem estorvo às leys dos Kamis, poder vir livremente a Japão, e assim o saibam».

As penas em relação à nau que vem para o comércio, era diferente, os portugueses podiam continuar a comerciar sem impedimento.

Para esta decisão, muito deve ter pesado o facto de se recear que o cristianismo viesse a provocar graves cisões, geradoras de uma revolta contra a Administração Hideyoshi.

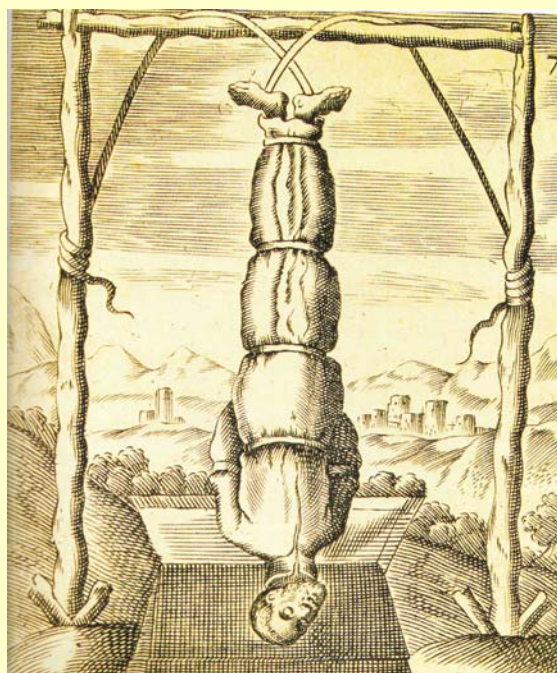
Pertinente, sem dúvida, a opinião de Donald Keene:

«Não foram os aspectos teológicos do cristianismo, ou mais particularmente do catolicismo, que tanto perturbaram o governo do Japão, mas o receio de que os conversos nativos pudessem ter dividido lealdades políticas e pudessem mesmo facilitar a invasão da ilha por uma potência europeia. O exemplo das Filipinas, conquistadas pelos Espanhóis, nos “calcanhares” da actividade missionária, servia de aviso aos japoneses, e a sucessiva revelação de apoiar conspirações para pôr em perigo a soberania japonesa determinou o governo a banir primeiro os Espanhóis e depois os Portugueses».

Saliente-se, no entanto, que durante os primeiros dez anos Hideyoshi não executou a sério as medidas decretadas, porquanto estava suficientemente ocupado com outros problemas, parecendo fazer vista grossa relativamente ao cristianismo, além de que os daimios cristãos acolhiam nos seus domínios muitos jesuítas.

Prosseguindo na sua missão evangelizadora, agora com mais prudência e sem a ostentação pública do culto, calcula-se que entre 1595 e 1596 havia no Japão 137 membros da Companhia de Jesus, dos quais 125 sem licença, e que dos 300.000 cristãos existentes, cerca de 60.000 tinham sido baptizados depois do édito da expulsão, em Julho de 1587.

Acontece que em 1592, franciscanos e dominicanos, a partir das Filipinas, foram estabelecer as suas missões no Japão, o que iria dar origem a lamentáveis incidentes entre as ordens monásticas, tornando ainda mais difíceis as condições com que se



defrontava a evangelização. Os jesuítas que, em virtude da sua longa experiência do Japão, melhor sabiam tratar com os japoneses, adotando muitos dos seus costumes e maneiras para melhor se fazerem aceitar, eram acusados pelos franciscanos e dominicanos de não seguirem rigorosamente os caminhos da Igreja.

Diz Boxer, que «as calúnias mútuas a que no Extremo Oriente desceram as ordens católicas romanas foi uma das principais causas da relativa falência das suas missões na China e no Japão».

De 1594 a 1614, escreve Murdoch, «entre jesuítas e franciscanos no Japão foi tudo, só faltou a luta à facada, tal como no Paraguai alguns anos depois».

A situação pioraria ainda mais quando apareceram na cena japonesa novos europeus, os holandeses e os ingleses, que traziam da Europa os ódios e rivalidades nascidos da Reforma e lançavam intrigas e acusações malévolas contra os portugueses.

A missão jesuíta seria agravada e severamente punida por via do triste incidente ocorrido com o galeão espanhol San Filipe que, em Julho de 1596, navegando de Manila para o México aportou ao Japão e foi alvo de confisco em favor do daimio de Tosa.

Sem medir as consequências, o capitão do San Filipe teve a infeliz ideia



de tentar amedrontar o soberbo e poderoso dominador do Império japonês, ameaçando-o com o poderio do rei de Espanha, que seria ajudado pelos seus vassallos cristãos.

Em resposta Hideyoshi desencadeou uma violenta perseguição contra o cristianismo, mandando prender e crucificar vinte e seis cristãos, dos quais sete eram franciscanos e os restantes conversos japoneses, em Nagasaki, em 5 de Fevereiro de 1597, que mais tarde haviam de ser canonizados pela Igreja.

Aqui começam as perseguições e martírios infligidos com incrível crueldade e suportados com a mais estóica coragem pela comunidade cristã do Japão.

As consequências do martírio de Nagasaki de 1597 foram mais dramáticas do que as de 1587. Seguir-se-ia a destruição de 120 igrejas, expulsos 11 jesuítas, suspensas as cerimónias religiosas em Nagasaki e, ainda, a dispersão e refúgio dos padres.

Os Tokugawa. Expulsão dos Portugueses. Ieyasu. Com a morte de Hideyoshi, em 1598, a Igreja voltaria a gozar de 15 anos de paz quase completa.

A sucessão dinástica provoca, uma vez mais, a eclosão da guerra civil que levaria ao poder Tokugawa Ieyasu em detrimento de Hideyori, filho de Hideyoshi.

Em 1603, Ieyasu é investido no cargo de shōgun e estabeleceu o quartel-general do seu governo em Yedo (actual Tóquio).

Igualmente, não deixa de ser tolerante para com o cristianismo, uma vez que era sua preocupação dominante desenvolver o comércio e por essa razão dava igual tratamento a portugueses, espanhóis e holandeses.

Recebeu o Pe. Organtino, e assinou três cartas patentes conferindo aos portugueses autorização formal para praticar a sua religião em Nagasaki, Kioto e Osaka, o que revogava o édito de 1587.

No entanto, Ieyasu não via de bom grado a actividade dos missionários. Proibiu aos nobres que adoptassem o cristianismo. Alguns que, intimamente, o desejavam abstinham-se por medo e mostravam a sua simpatia protegendo os cristãos.

Ieyasu era um fervoroso adepto budista e não via com bons olhos a prosperidade do cristianismo, pensando que a nova religião era lesiva e contrária às tradições seculares do país, como pode verificar-se num passo de uma carta datada de 1612 e dirigida ao Vice-Rei do México:

«A doutrina seguida no vosso país difere completamente da nossa. Estou convencido por isso que não nos serviria. Nas seitas budistas diz-se que é difícil converter aqueles que não estão dispostos à conversão. É melhor por conseguinte pôr termo à pregação da vossa doutrina neste país. Podeis, porém, aumentar as viagens dos navios de comércio e assim promover os

interesses e relações mútuas. Os vossos barcos podem entrar nos portos japoneses sem excepção. Já dei ordens restritas nesse sentido».

Uma série de acontecimentos infelizes, e a desconfiança de que os europeus tinham aportado ao Japão com o intuito de mais tarde desencadear uma operação de conquista, levaram Ieyasu a publicar o famoso édito de 27 de Janeiro de 1614: os diversos dáimios deviam fazer seguir todos os missionários estrangeiros para Nagasaki, donde seriam deportados para Macau e Manila; as igrejas e casas de reunião seriam encerradas, bem como a proibição da prática pública ou secreta do cristianismo pelos japoneses. As perseguições e as violências não tardariam.

Hidetada. O regime de Tokugawa fez tudo o que lhe foi possível para exterminar o cristianismo e impedir a vinda de novos missionários.

Hidetada, ao assumir o poder em 1616, promulgava um decreto reforçando as medidas determinadas por seu pai em 1614: sabendo-se que alguns missionários haviam ficado no Japão disfarçados de comerciantes, Hidetada ordenou a concentração de todos os estrangeiros no porto de Nagasaki e Hirado, em situação de residência fixa, sendo assim facilmente controlados. O recrudescimento das perseguições levou a que em 1617, no feudo de Omura, fossem executados um jesuíta, um franciscano, um dominicano e um agostinho. Em 1622, em Nagasaki, foram queimados vivos e decapitados cerca de meia centena de cristãos, entre os quais alguns missionários. Proibiu, ainda, a entrada de livros que contivessem matéria relativa à fé católica.

Os cristãos fugiram das regiões onde eram perseguidos e dispersaram-se pelas outras províncias do Japão, refugiando-se até ao extremo norte, na ilha de Yezo, hoje Hokaido.

No ano de 1623, Hidetada renunciou ao cargo de shōgun, em favor de seu filho Iemitsu, mas conservou a autoridade até à sua morte, em 1632.

Entretanto, em 1624, era proibido aos portugueses residirem permanentemente no Japão e os que eram casados com japonesas tiveram de deixar as mulheres e as filhas, sendo igualmente inibidos de pilotar barcos japoneses.

Iemitsu. Após a morte de Hidetada passa a governar (1631-1651) seu filho Iemitsu, dotado de um carácter ainda mais «arrebatado, arrogante e cruel» que o pai.

Possuído pelo receio que a difusão do cristianismo trouxesse perturbações sociais e fizesse rebentar a guerra civil, manifestava a sua preocupação ao governador de Nagasaki: «Se a nossa dinastia desaparecer por causa das guerras civis intestinas, a vergonha recairá sobre mim, mas se uma polegada da nossa terra passar às mãos estrangeiras, o facto será uma vergonha nacional».

A sua vigilância no controlo aos missionários era tão rigorosa, que um funcionário japonês estava domiciliado em Macau, com a missão de inspeccionar todos os navios que largassem para o Japão, negando passagem a qualquer indivíduo suspeito de ser padre. Em Nagasaki, ou melhor, em Deshima, uma minúscula ilha artificial, onde agora os portugueses residem como em prisão, as cargas eram minuciosamente revistadas, queimando-se quantos artigos de culto aparecessem, como rosários e cruzes. E os portugueses iam aceitando tudo isto porque, acima de tudo, o que eles queriam era manter o seu comércio com o Japão, fonte principal dos proventos de Macau.

Caminhava-se para o final do “século cristão” no arquipélago nipónico. Efectivamente, a revolta de Shimabara, 1637-1638, iria decidir da sorte do cristianismo e seria o golpe de misericórdia do comércio português entre Macau e Nagasaki.

Os motivos da revolta estão perfeitamente esclarecidos e não subsistem dúvidas de que houve envolvimento directo ou (e) indirecto dos cristãos.

A situação dos camponeses era desesperada por via dos despotismos, impostos e exacções fiscais executadas pelo senhor feudal da região.

Como tinha sido uma área de forte implantação evangelizadora, é óbvio que os cristãos espalhados por toda a ilha de Kiushu, perseguidos e solidários no mesmo sentimento de sofrerem sob as duras injustiças da autoridade,

juntaram-se aos revoltosos. As bandeiras da revolta arvoravam a inscrição: «Louvado seja o Santíssimo Sacramento» e «Jesus, Maria, Santiago».

Os rebeldes andavam por poucas dezenas de milhares e as forças governamentais eram cinco vezes superiores. A guerra tomou o aspecto de uma guerra santa e, por isso, não admira que o Governo acusasse os portugueses de fomentar a revolta e denominasse esta de revolução cristã.

Ao fim e ao cabo os revoltosos, incomparavelmente em situação de inferioridade numérica e lutando com escassez de elementos e munições, abandonaram o castelo de Hara e renderam-se, 12 de Março de 1638, não sem que as tropas do shógun passassem à espada alguns milhares de sobreviventes.

Pouco depois, no mesmo ano de 1638, um édito determinava a terceira e última ordem de expulsão dos súbditos do rei de Espanha, que neste caso eram só os portugueses, proibindo-os de desembarcar em terra japonesa ou de entrar em qualquer porto do Império sob qualquer pretexto. E mais, «enquanto o Sol aquecer a Terra nenhum cristão ouse entrar no Japão e se o próprio rei D. Filipe, mesmo o Deus dos cristãos, tentarem anular esta proibição, o pagarão com suas cabeças».

Foi o massacre de Hara que pôs fim à presença portuguesa no Japão. Depois de Shimabara, os cristãos passaram a praticar a sua fé secretamente e muitos fugiram para o centro e norte do Japão. A fé era transmitida de pais a filhos no seio de pequenas comunidades, nas quais as funções de baptizar, catequizar, administrar os sacramentos, eram atribuídas a certos membros.

Em 1640, foi estabelecida a inquisição contra os cristãos, dirigida por Chikugo - no Kami Masashige.

Os missionários vinham ainda de quando em quando, clandestinamente, de Manila em juncos chineses, mas depressa eram descobertos, torturados e mortos.

Terminando a Exposição Universal de Aichi 2005 - Japão, em 25 de Setembro, irei abordar, durante o referido mês, particularmente, a Influência Portuguesa na Civilização Japonesa. Considere-se o facto de Portugal ter sido o país do Ocidente que mais marcou a História do Japão,

sem esquecer que a diferente nacionalidade dos missionários mostra o carácter europeu da obra.

Bibliografia consultada.

Boxer, Charles R. - «O Império Colonial Português» (1415-1825).

“Brotéria” - «Perspectivas católicas no Japão». Vol. I, Abril, 1950.

Cortesão, Jaime - «História dos Descobrimentos Portugueses» Vol.III. Círculo de Leitores, 1980.

Fróis, Pe. Luís S. J. - «História de Japam». Vol. I. Edição anotada por José Wicki, S. J. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976.

Jaca, Carlos - «Japão: foi há 450 anos». Revista “História”, nº 166, Julho de 1993.

Janeira, Armando Martins - «Nova Renascença», «Os Portugueses “Bárbaros” em Kioto, capital imperial e uma das mais famosas do Mundo». Vol. I. 1981.

Janeira, Armando Martins - «O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa». Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1988.

Matsuda, Kiichi - «The relations between Portugal and Japan». Junta de Investigação do Ultramar and Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Lisbon, 1965.

Morais, Wenceslau de - «Dai -Nippon». Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa, 1983.

Morais, Wenceslau de - «Relance da História do Japão», Introdução. Direcção literária de Armando Martins Janeira. Parceria A. M. Pereira, L.d^a., 1972.

Norton, Luís - «Os Portugueses no Japão» (1543-1640). Notas e Documentos. Agência Geral do Ultramar. Divisão de Publicações e Biblioteca. 1952.

«O Mundo Português» - Vol. VI, nº67, Julho de 1939.

«Os Portugueses e o Japão no século XVI». Primeiras Informações. Informações de Jorge Álvares sobre o Japão. Introdução, Modernização do texto e notas de Rui Loureiro. Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Ministério da Educação. Lisboa, 1990.

Sá, Artur Basílio de - «Jorge Álvares». Quadros da sua biografia no Oriente. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, MCMLV.